



O Gaiato



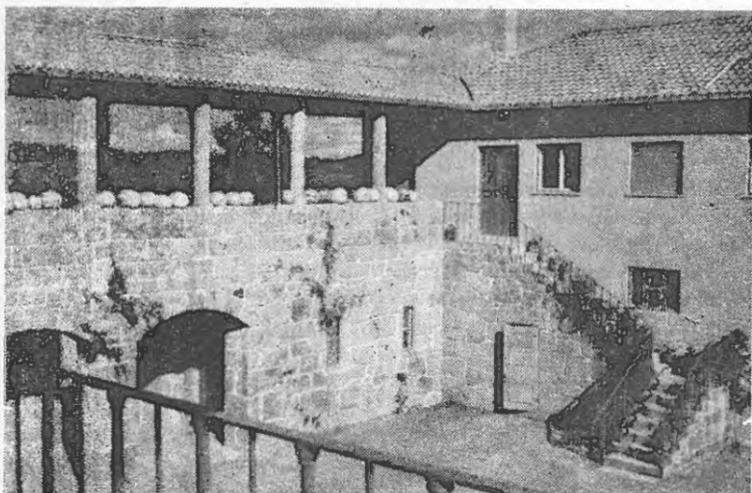
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

4 DE JULHO DE 1964
ANO XXI — N.º 530 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVEN. ★ QUINZENARI
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Uma bela perspectiva da Casa de Beire — irmã gêmea do Calvário

HOMILIA

no casamento do Carlos Alberto e Maria Laudemira

E STAMOS a realizar mais um matrimónio. O matrimónio católico é participação do amor de Deus. Amor de Deus na consagração do amor de dois.

Sacramento do amor humano imolado e consagrado pelos dois a Deus. Pelo sacramento o amor deixa de ser profano para se tornar sagrado. Já não sereis dois, mas um só.

Sacramento hoje realizado na Santa Missa. É para nós a primeira vez. A Santa Missa é a grande oferta do Senhor Jesus. Desta oferta brotam os três grandes sacramentos do amor: a Eucaristia, o Sacerdócio, o Matrimónio. Na Eucaristia é o Senhor que Se nos dá todo em vida para todos e cada um de nós.

No Sacerdócio o homem consagra-se a Deus no serviço dos irmãos.

No Matrimónio são dois que se oferecem a Deus e um ao outro no serviço da família.

O Matrimónio é uma consagração permanente. Consagrais as vossas vidas, os vossos anseios, tudo o que tendes e o que sois. Não deixareis de ser quem sois, mas começareis a ser alguma coisa mais. Sereis dois consagrados num.

Foi o Senhor que vos escolheu, vos encontrou e vos aceita agora para sempre. Destes pela presença um do outro à beira do altar do Senhor.

Recordo-vos o vosso primeiro encontro consciente há dois anos e meio. Depois das aulas da tarde, no caminho do Instituto para vossa vida, todos os dias vos encontráreis na Missa vespertina da Basilica da Estrela. O Senhor que recebieis começou assim a enamorar-vos. Não olhou a distâncias de origem.

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Crónica do Calvário

Caros amigos leitores
Não venho fazer comentário.
É apenas uma pergunta:
— Já visitaram o Calvário?

Que vos diz aquela Cruz
Que está à entrada do portão?
Para quem compreende, vê
Que nos dá grande lição!

As grandes fábricas da cidade
Têm um letreiro que diz:
Aqui se fazem tais coisas,
E pertence à Firma X.

O Calvário não tem letreiro.
«Aqui, — diz aquela Cruz —
É casa do sofrimento
Cujo patrão é Jesus.

Todos os seus operários
São os doentes sem cura;
Só recebem o salário
Para além da sepultura.

Esta fábrica tudo aceita:
Velhinhos, grandes, pequenos.
Nesta casa todos sofrem
— Uns sofrem mais, outros menos.

Para nós a ciência humana
Não tem mais nada a fazer.
Sabemos que o nosso emprego
É sofrer até morrer.

Alguns sofrem desde crianças,
Outros de maior idade;
Mas todos vivemos aqui
À sombra da caridade.

Todos os dias se oferecem
Orações, penas e dores.
Que Deus pague a cem por um
Todos os nossos benfeitores.

Lembrem-se do Evangelho
Em que Jesus diz assim:
«O que fizerem aos Pobres
É o mesmo que seja a Mim».

Ainda o que nos conforta
É olharmos para aquela Cruz
E ver que nela já não está
O corpo do Bom Jesus.

Também nós temos a esperança
De ainda chegar o dia
De irmos para a bemaventurança
E ficar a cama vazia.

E termino pedindo desculpa
D'alguma palavra indiscreta.
Sou filha de gente pobre
Não estudei para ser poeta!

Virgínia Rodrigues

Nota da Redacção:

*Versos de pé quebrado, brotados aos 18 anos
quando todos são poetas — topamo-los por aí a
cala passo.*

*Mas aqui é a inspiração que dita. E a fonte
dela não são 18 anos esperançosos e sorridentes.
É o sofrimento alegremente abraçado e eficazmente
vivido numa cadeira de rodas.*

Agu Lisboa

QUERO queixar-me dos cá-
gados. E dos lagartos
também. Não te admires.
Lê e verás.

Era depois da meia noite e o
corpo pedia descanso. Passo pelo
quarto de banho com o intuito
de me lavar e, qual não é o meu
espanto, quando deparo com um
enorme cágado na bacia. Sorri-
me e desejei ter a arte de Pai
Américo para comentar o suce-

dido. O que é certo é que o
cágado permaneceu onde estava
e eu desisti de me lavar!

Ao outro dia chamei o «Chi-
nês» a contas e a resposta veio
rápida: «Foi para se refrescar».
O pior, porém, é que agora há
cágados em toda a parte: vou
para tomar banho e são cágados
na banheira, vou pelas camara-
tas e são cágados pelo chão,
enfim, são cágados por toda a

parte! E eu que me governe!
Para dizer a verdade tenho
uma certa simpatia pelos cága-
dos, o que não acontece com os
lagartos, que os há enormes na
nossa quinta. Um dia destes, o
Hernani não encontrou melhor
local e tratou de esconder um
dos últimos répteis na sacristia!

Vê lá, leitor amigo, se tenho
ou não fundamentos para me
queixar. E começo a ter umas
certas apreensões: quem me diz
que, qualquer dia, não vou en-
contrar entre os lençóis da cama
um cágado «para se aquecer»
ou, então, ao ir paramentar-me,
não dou um pulo de susto por
causa dalgum lagarto escondido
nos paramentos! Isto é a Casa
do Gaiato!

Continua na TERCEIRA pág.



Tem treze meses de vida. Nunca saberá quem é o pai. E a mãe, que de igual modo ignorará, deixa-o em povoação serrana, para se embriagar na confusão da capital e nela se sumir e perder.

O povoado é bem português. O ar despido das moradias fala de pobreza, por vezes de miséria e relaxamento inculpável. Não se extinguiu, contudo, por ali o amor. Ele perdura para além dos escombros. Às vezes, é ele só quem fica. E ele é poderoso para erguer o que tomou, para operar o ressurgir do que parecia morto.

Casal sem filhos, pobre, mas sem pretensões que não fossem

senão a paz, a alegria e o amor, propõe-se recolher o abandonado.

— «Ó Maria, e se a gente fosse buscar prâqui o pequeno?»

E o pequeno vem. Cresce. Faz-se homem. E só então conhece a verdade, dura como tantas vezes ela é. Mas a verdade. Não fica pesaroso. Antes, contente, porque feliz com a substituição dos pais.

Entretanto, paraliza. Os membros atrofiam-se-lhe. E ficam-lhe os ossos num feixe. Os pais envelhecem. Paraliza a velhinha e cega o pobre do marido. E eis os três na casita escura, sem arrimo que não seja a miséria.

O Senhor chama a pobre paraliza-

da. Nós sabemos do entrêvado e vamos por ele. Vive já de há tempos connosco. Sente-se feliz. Só não lhe sai do pensamento a situação do pai adoptivo que ficara cego e sózinho.

— «E, se o senhor fosse buscá-lo também a ele?» — diz-me repetidas vezes o Armando, tal como o dissera dele o casal outrora. Agora já se calou. O Senhor Luís, cego mas radiante, está junto ao seu «menino».

O amor tem histórias ímpares. É manancial inesgotável.

Que bem sabe contemplar suas facetas, na pureza da sua realização!

Padre Baptista

Correspondência de Família

S. Paulo, 4 de Maio

Como vai a nossa Obra? Pelo que tenho lido no Caiato está cada vez maior, não é?

O nosso Pai Américo está sempre a proteger a nossa Obra, como também os Pobres de Portugal.

Uma grande novidade, creio, eu e minha esposa iremos a Portugal, se Deus o permitir, em Junho. Sairemos de S. Paulo no dia 6 e estaremos no dia 7 em Lisboa na parte da manhã, pois iremos de avião. Ficaremos uns dias em Lisboa e iremos para aí em Paço de Sousa no dia 12, para rever os lugares onde passei uma parte da minha vida, como também quase todos os companheiros e colegas que aí

Visado pela
Comissão de Censura

deixei quando vim para o Brasil. Irei mostrar a minha esposa nossa Obra e a Igreja onde está o nosso Bondoso Pai e também os lugares lindos do nosso Portugal.

Dia 13, dia do meu aniversário é que faço questão de estar aí em Paço de Sousa e rezar junto do nosso Pai Américo e agradecer o bem que tenho recebido e que continuo a receber, estar junto do Sr. Padre Carlos e de toda a nossa rapaziada.

Rio, 10 de Junho

Nada mais me poderia alegrar que a carta que recebi, pois vejo que ainda não fomos esquecidos nas orações em que pedis por nós ao Senhor.

Nunca estive tão convencido da eficiência da oração como agora, que me sinto só, rodeado por um mundo que vive uma vida louca e desenfreada.

Por isso lhe peço, que peçam por nós ao Senhor, para que não nos deixe perder no meio destas ondas tumultuosas.

Agora estou a trabalhar de verdade. É começar às nove da manhã, até às sete da tarde (sem fecharmos pró almoço).

Não sei bem porquê, sempre desejei um emprego de responsabilidade. Penso que o tenho agora, porque estou trabalhando na caixa — lugar de muito trabalho e responsabilidade.

O Jaime está na contabilidade e de vez em quando ao balcão. Que fazer também não lhe falta.

Vimos encontrar o Lopes optimo. O Teixeira está para S. Paulo, mas já lhe demos um abraço.

Já estivemos com o Hélio. Quem disser que é nosso patriótico, mente! Veja a modificação!

Estas são as notícias da pequenina república de além-mar, implantada no meio duma anarquia geral!

Despeço-me enviando um abraço para todos os Srs. Padres e rapazes da Obra não esquecendo a Sra. D. Virgí-

mentalidade não se cria tanto com discursos como pela acção.

(Toda a correspondência seja dirigida a Auto-Construção — Aguiar da Beira.

P.e Fonseca

nia, que não pude dar-lhe um abraço de despedida.

P. S. Temos um frigorífico no apartamento. Já lá estão as ditas-cujas a refrescar.

As cervejas e nós estamos esperando que apareça.

Malanje, 15 de Maio

Tenho presente as suas duas cartas que nos deram imensa alegria e força para nos conservarmos alegres e fortes perante o ideal que abraçamos. Ele é difícil. E até mais do que eu contava. Pelo menos para mim, Deus me dê força — o que às vezes me falta — para resistir e poder cumprir, o melhor que puder e souber.

De resto a doutrina que nos administrou pelo noivado está a ser vivida o melhor que podemos, mas continue a lembrar-nos perante o Pai Celeste. Não imagina a nossa gratidão! Pois quem não precisa das orações dos outros? Nós cremos na comunicação dos santos e é realmente uma força sabermos que temos quem nos ajude na rectaguarda do combate.

Peço-lhe que sempre que tenha oportunidade escreva-nos, mesmo que eu não o faça.

As suas cartas são lidas em comum. Dá já vê que as palavras são meditadas pelos dois.

A Emília continua de saúde e sempre bem disposta. Cada vez dou mais graças a Deus por nos ter aproximado um do outro. Temos sido realmente felizes.

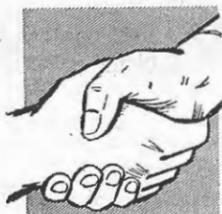
Que mais quer que lhe diga? Ah! O Neca armava-se em forte mas esteve com as febres; os 500 kg de batata semeados deram perto de 3.000. Já temos vendido alguma hortaliça. Os frangos já fizeram quase 3.000\$. É assim: temos de deitar a mão a tudo. O doce de goiaba que a Emília fez é uma categoria. Com o saquito de açúcar que nos dão em Luanda mais as nossas goiabas teremos doce para o pequeno almoço e merendas.

O Laranginha tem andado muito melhor. Todos os nossos escolares pensam ir a exame. Vamos a ver os resultados.

Malanje, 5 de Junho

Já deve estar a pensar qual o motivo que me leva a escre-

Antes de mais para haver Auto-Construção é preciso trabalhar. O trabalho é a grande lei da vida, o melhor meio de aperfeiçoamento. Se este movimento se destina a jovens ou homens recentemente casados que estejam resolvidos, a valer, a possuir sua casa, na base de tudo tem que estar um trabalho inteligente, persistente e, na medida do possível, eficaz. Uma casa representa muitíssimos dias de trabalho. Desde o abrir dos alicerces, à regularização do terreno até aos primeiros retoques que são logo precisos após a construção. Quem quiser ter uma casa só tem dois caminhos: ou fazê-la ou mandá-la fazer. Este último caso é o mais fácil e, ao mesmo tempo, o mais difícil. Mandar construir uma casa a artistas competentes é, por si mesmo, resolver muitas dificuldades técnicas, muitos contratemplos. Por outro lado, mandar construir uma vivenda ainda que modesta, demanda muito dinheiro, que a grande maioria nunca consegue juntar. Só o trabalho próprio poderá suprir. Auto-Construção pretende ser um caminho. Em segun-



Auto-Construção

do lugar para haver Auto-Construção é preciso economizar. Junto deste movimento tem que andar sempre a poupança. É uma palavra que os homens de hoje e muito menos os jovens querem ouvir. Falemos em tudo, menos em poupança dirão os jovens. Multiplicam-se por toda a parte as ocasiões de gastar dinheiro. O reclame, as vendas a prestações, os caixeiros viajantes que invadem as habitações particulares, as feiras industriais, as viagens ao estrangeiro, as casas de luxo. O automóvel, sobretudo, gasta e levamos a gastar. «O que não é visto não é apetecido», diz o povo. Ora, no momento presente, os meios de publicidade, nomeadamente o automóvel e a televisão, põem o mundo diante de toda a gente. O apetite de muitíssimas coisas supérfluas aumenta sem cessar

e também quase sem remédio. Se tudo isto tem vantagens representa também inconvenientes, um dos quais — e não será o menos pernicioso — o de sacrificar o necessário ao dispensável. Quem quiser fazer uma casa tem de economizar. Por fim colaborar. É o mais difícil e o mais necessário em Auto-Construção. O Auto-Construtor tem de resolver-se a fazer a sua casa de colaboração com seis, oito, dez, doze companheiros. Esses companheiros terão aptidões, qualidades, maneiras de ser diferentes. Os homens são sempre diversos uns dos outros. Assim em tudo. Quando se é diferente para se receber ou dar colaboração, é necessária a compreensão, a caridade, a generosidade. Os espíritos justos dificilmente suportarão esta modalidade. Estarão sempre a julgar-se prejudicados. Colaborar no campo de Auto-Construção exigirá paciência, inteligência e sobretudo a coragem de descobrir que, afinal, nós não somos muito melhores que os outros. Mas chegar a tal conclusão não é para todos. Tal



ver-lhe, pois não se engana, é para pedir coisas. É costume dizer «quem não pede Deus não ouve» e por isso aqui estou eu a ver se sou atendida.

Eu disse ao Snr. P.e Telmo para ver se mandava daí tachos e panelas grandes e também precisamos de copos de alumínio senão, de caminho, não temos copos de vidro. Os meus meninos partem tudo! Esta semana partiram um e foram escondê-lo no quarto de banho e agora estão de castigo sem beber, mas nem assim dizem quem foi.

O Snr. P.e Telmo disse-me que não lhe compete a ele pedir estas coisas. O que ele não quer é receber um não. Foi a Luanda e ia com ideias de comprar lá, mas quando lhe disseram o preço até ficou sem fala! Quando chegou a casa disse: «final não comprei nada». Agora fico à espera dum sim.

A maior novidade deve ser para Julho, quando o Fernando mandar dizer que já é pai dum rapaz. Deus queira que tudo corra bem como até aqui, e tenho fé que sim.

O Fernando chamava-me fraquita mas agora vê quem é mais forte. Eu nunca me queixo de nada e ele passa a vida com dores de cabeça e sempre cansado, mas quando ele tiver o filho a fazer barulho de noite e não puder dormir, isto passa-lhe, estou convencida disso.



Malanje, Maio

Falou-me do comportamento do Manuelzito e do Faniqueira; o primeiro tem-se portado muito bem, o segundo, foi castigado umas semanas a abrir umas picadas na nossa quinta, e fez-lhe muito bem.

Agora tudo vai correndo bem nesta casa, grandes e pequenos, pequenos e grandes.

Ofereceram-nos um barco em folha: de vez em quando e em noites de luar lá vou eu dar uma volta à nossa lagoa, e remando, assim o pensamento voa para além dos mares e medito em vós e em toda a obra; no toque da sineta, o barulho no refeitório, o terço rezado à noite, nas escadas da Capela e das escolas.

Agora nesta rica época de Primavera me ponho a pensar nessas árvores todas em flor e que tão agradável cheiro nos oferecem, melhor, vos oferecem.

Em tudo isto medito e até sei lá se chegarei a chorar se Deus quiser que eu repise essas tão inesquecíveis terras.

As visitas à nossa aldeia cada vez são maiores, algumas delas chegam a passar o domingo inteiro, com o seu farnel, saboreando-o assim sob o arvoredado da nossa lagoa. Já temos três mesas de pedra mas ainda não chegam.

Eu estou a pensar em pôr também uma mesa para os escritores.

Eu não sei se o Américo guardou um pouco da lua de mel para passar aqui, mas se não guardou mal sabe o que perdeu.

Mais um favor lhe peço: se mandava o Manuel Chancudo

Aqui Lisboa

Os trabalhos do campo têm exigido mobilização geral. Todos têm procurado cumprir, mas há, como é natural, Rapazes mais conscienciosos e aplicados. Eu limito-me a observar, reduzindo ao mínimo a interferência. O sentido da auto-educação e o da afirmação sãda da personalidade, são riquezas incomensuráveis que nos foram legadas. Ao ver um Rapaz senhor do seu papel, interessado e consciente, dou graças a Deus e só me apetecia abraçá-lo. Só me custa pensar que a nossa so-

cidade, rotulada de cristã, desconheça e despreze, tantas vezes, os valores infinitos que há em cada um destes meus filhos.

COM a chegada do verão Lisboa começa a ter muito menos gente, sobretudo ao fim de semana. A venda do jornal ressentisse, pois. Os nossos Rapazes começaram a percorrer as praias dos arredores. Peço aqui o teu carinho e a habitual estima pelos nossos vendedores. Pode ser até que, num

Cont. da PRIMEIRA página

DIA de venda. Os vendedores acabam de voltar. Um deles, 14 anos esperançosos, muito discretamente, como sempre, entrega à Senhora dois pães com fiambre, «para os Senhores Padres Carlos e Luiz», da merenda que lhe havia sido dada. Podia tê-los comido e não o fez; quis-nos fazer partilhar dos mimos recebidos. Comemos ao pequeno almoço do outro dia e o pão com fiambre soube-nos a mel, pelo significado da oferta.

Pai Américo escreveu para os seus continuadores: «Não se molestem e sofram com paciência até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina, eles são servos de Deus». Temos experimentado a riqueza desta palavras, mas somos tão humanos, graças ao Senhor, que até o pão com fiambre nos sabe a mel...

OJacinto fez anos. Olhos grandes e vivos, com o sorriso estampado na cara, anuncia-me de véspera o acontecimento. São 13 anos, treze anos que ainda não se aperceberam bem do drama da sua vida e que aqui não estampo pelo respeito devido ao Rapaz. Ofereci-lhe o que de melhor poderia fazer: um beijo na testa e o Senhor Sacrifício. O seu «obrigado» ecoou no mais íntimo do meu ser.

apanhar sementes de pinheiro, de mimosa, de tilia e de plátano. Agradece o conjunto Malanjino.



Malanje, Junho

Aqui estou mais uma vez a trocar umas palavras, amigas, e saudosas.

Por aí tudo óptimo? Isso é que se quer. Por cá tudo forte e sempre bem dispostos, nunca esquecendo a malta daí, e superiores, que todos os dias me vêm ao pensamento e me causam grandes saudades.

Como já deve ser do seu conhecimento, no passado 19 de Maio, tivemos entre nós o Senhor Padre Manuel António e vários rapazes, como o Mineiro, Chico, Manuel da Creche, Victor etc.. Como nos sentimos tão satisfeitos, tão unidos uns aos outros! Na quarta-feira tivemos um dia de folga, para mostrar a nossa quinta, e ficaram muito contentes, alguns até queriam cá

ficar; o principal era o Mineiro.

Oferecemos um churrasco ao Senhor Padre Manuel; não queira saber! Pegou-lhe de tal maneira, que nem os ossos se lhe aproveitaram! Quando o Senhor cá vier já não o conhece; está muito mais gordo e a malta também.

No dia da despedida tratámos de arranjar a merenda para levarem, e chegou a hora e partiram. Ficámos um pouco tristes, quando os abraçámos e os vimos partir, alguns com lágrimas nos olhos, tanto nossos, como vários deles. O Senhor Padre Manuel saiu muitíssimo contente com toda a malta. Já iam longe e nós iam acenando com as mãos.

Quando é que vêm os pedreiros, o Américo, e o Chancudo? Estamos ansiosos que cheguem.

A nossa aldeia cada vez está mais linda. O nosso parque turístico, que todos os domingos está a ser muito concorrido e às vezes até à semana, está muito lindo!

AREIAS do Cavaco

O Zé António fugiu. Havia quatro dias que andava em nossa casa. O rapaz, quando chega, como é tradição, dispõe dos primeiros dias para observar o que lhe pertence. Vai à sua vontade. Anda por todo o lado. Ninguém o incomoda. Vê tudo. Faz perguntas aos que já estão. Inteira-se do que é dele. Depois... começa a vida normal, vida de trabalho.

Com o Zé António foi assim. Não tinha nada quando veio. E de repente se viu senhor numa casa, de uma mesa, de uma cama e de uma grande quinta. Se viu objecto de cuidados maternais e

de muito zelo por ele. Os três primeiros dias foram de indizível felicidade.

Mas os 14 anos de rua e vadiagem deixaram nele marcas profundas. A rua, com todos os seus encantos, atraí-o. E, como não havia muros para saltar, nem portões fechados, não resistiu.

E o Zé António fugiu. Podeis imaginar quanto de dor está nesta fuga! Era nosso. Era preciso que voltasse e pelo seu pé.

No dia seguinte, manhã cedo, na bermã da estrada, sentado numa pedra, com o embrulho de roupa a seus pés, cabelo desgrenhado, o Zé António travava a maior batalha da sua vida, dentro de si — a rua por um lado e a Casa do Gaiato, pelo outro.

Passou. A carrinha parou mesmo ao pé dele. Bastou um convite para que entrasse pelo meu lado. Deixei-o reclinar sobre o meu coração para que sentisse quanto era amado. A batalha estava a caminho do fim.

Ao chegar a casa, viu a mesa posta e o lugar dele à espera. Era a vitória final. A rua foi vencida. O Amor venceu e o Zé António é nosso para sempre.

Outro quadro. Chego de fora e o chefe da casa corre a dar-me a notícia de que um pequeno havia chegado, trazido pelas mãos de alguém que o viu abandonado no caminho. Aflitos como estamos com falta de espaço, naquele mesmo momento decidimos remetê-lo à procedência.

Era a hora da ceia. Todos comiam, regalados. E, no meio

caso ou noutro, fora do bulício habitual, a leitura do «Famoso» possa ser mais proveitosa.

A nossa colónia de mar em S. Julião da Ericeira vai abrir as suas portas. Por ali passarão quase todos os nossos Rapazes e mais alguns, de uma paróquia pobre de Lisboa. Os casos de raquitismo, a atestar vicissitudes, tantas vezes terríveis, não são pouco frequentes. O ar do mar, com o seu iodo, a mesa sólida mas farta, os banhos, os jogos e o descanso retemperador, hão-de ser elementos positivos na valorização física e do espírito daqueles que nos estão confiados. Marca a tua presença, não esqueças, tanto mais que, só a pesquisa e captação da água, estão orçadas em 10 contos, que não temos.

Padre Luiz

deles, o recém chegado comia também.

Quis saber de quem se tratava. Chamei-o para a minha beira. Comemos a mesma sopa e o mesmo arroz. Não há melhor ambiente do que este para se entrar nos segredos do garoto da rua.

Mesa posta. Sopa quente e bem adubada e conduto abundante.

O garoto abre-se. Diz que o pai morreu e que a mãe desapareceu não sabe pra onde. Falei-lhe das nossas dificuldades e que no dia seguinte o ia levar aonde tinha estado até este momento.

— «Mas eu não quero sair daqui».

Não sabia o que era comer sopa nem arroz. Pobre pequeno! Que encanto do pequeno! Abandonado, sem ninguém!

A minha decisão manteve-se. Não me chames cruel. Sé justo. Lança as culpas a quem as tem. Onde a Lei que manda ir procurar a mãe do pequeno?

O meu coração ia a sangrar. O coração do garoto também. «Eu não quero que me leve daqui para fora».

Na palhota onde vivia, era a solidão. Ninguém. Despedimo-nos. Dei-lhe um beijo. Vi os olhos brilharem com as lágrimas que deslizavam pelo seu rosto. A força das lágrimas do garoto da rua! Quem lhes resiste! Quem?! Pois eu também não resisti. Fui vencido. Ia triste mais o Carlos Manuel e regressámos os dois a cantar.

O Carlos Manuel é nosso também.

P.e Manuel António



Homilia no casamento

do Carlos Alberto e Maria Laudemira

Continuação da PRIMEIRA página

Não olhou a condições de família de sangue. Olhou sim para vossas almas e vidas a desabrochar em generosidade. O valor de cada um não vem da posição social que ocupa, mas sim daquilo que é. A verdadeira grandeza do homem está na delicadeza de alma e na nobreza do carácter.

Foi o Senhor que vos escolheu e vos enobreceu a vocação e missão de amor. Sois professores. A missão de professor é autêntico e permanente sacerdócio. Sois plasmadores e formadores de homens de amanhã, aos quais haveis de dar o sentido de filhos de Deus e da Pátria. É a escola que dá a muitos o grande sentido da vida.

Mas mais do que a escola o Senhor deu-vos o amor do serviço da Obra da Rua. Obra que tem sido mãe de tantos filhos órfãos como o Carlos Alberto e seus dois irmãos. A Obra espera por vós. Pai Américo está aqui presente ao vosso sim e recebe-o com a alegria de sempre. A Obra da Rua, de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, vê em vós mais dois servidores da primeira linha.

Não vos unis em matrimónio para satisfação um do outro, ou satisfação da vontade de cada um. Acima da vossa vontade está a vontade de Deus. Acima do vosso bem individual está o bem da Obra e da sociedade.

Esta consagração que ides fazer um ao outro e ambos a Deus é uma entrega total, imolação permanente, sacrificio consumado todos os dias da vossa vida.

Peço a todos os presentes a sua união convosco e comigo que, em nome da Igreja de Deus, vou aceitar a vossa união.

Que o Senhor vos aceite, vos una e vos guarde fieis um ao outro e fieis ao plano que tem guardado para vós.

Padre Horácio

Por

Padre

José Maria

POBRES

ERA uma vez um casal de velhinhos. Ela de setenta e ele de mais ainda, muito trôpego e quase cego. E morava numa barraca de tijolo feita com ajuda dos vizinhos. Um dia o progresso atingiu a zona da barraca e o traçado da urbanização, esteticamente sempre bem delineado quando não há susceptibilidades a respeitar, caiu em cima. Foram intimados a abandonar a barraca dentro de meses. «Como havemos de fazer se não temos nada, nem sequer forças, para ir por aí, à procura de abrigo? E se esta casinha é nossa, foi feita de esmolinhas...»

Na data marcada, aparece o grupo encarregado, com pás e picaretas prontos para a demolição. Mas o espectáculo que se lhes depara é duro demais para começar a tarefa: a velhinha ajoelhada diante dum crucifixo, reza com tal angústia e choro que os homens retrocedem sem coragem de cumprir. Passados dias o mesmo grupo, tido por cobarde, é chefiado pelo Encarregado de Obras dos Serviços; e perante ele a barraca cai por terra, desfeita até aos alicerces. Passou-se isto não longe de Lisboa, há pouco mais de dois anos.

Mas assim como os ventos sopram em direcções opostas, em regiões distantes, assim o espírito dos homens actua em contraste. Os jornais de hoje em grandes colunas dizem como no Porto se dá honra de acontecimento nacional à

inauguração de Casas para Pobres. Por várias vezes o nosso Chefe do Estado se deslocou aqui para esse fim e no seu discurso se lê quanto lhe está no peito esta Obra e quanto deseja que, como estas

Porquê o exemplo do Porto e as justas afirmações que a propósito se têm feito não constituem doutrina de decretos, que regulem, sem subterfúgios, os direitos da autoridade constituída e os deveres sérios a praticar para com os súbditos que até hoje só por omissão são apenas sujeitos de deveres? Será que só a Câmara do Porto tem Homens, para quem o homem, seja ele quem for, é o maior bem? Será que só nela é possível uma justiça dinâmica, uma caridade aberta aos problemas de quem os tendo os não pode resolver por si? Não vejo que sejam melhores os Pobres das Ilhas do Porto, que os de Lisboa, ou qualquer outra zona do País onde o progresso os concentra e ao mesmo tempo os separa em contraste com o resto da sociedade!

O que se tem feito no Porto deve ser exemplo de experiência e incitamento a quanto esperamos, com a Providência de Deus, se faça sobretudo a favor dos Pobres de Lisboa.

Padre José Maria

PAÇO DE SOUSA

ANIVERSÁRIO — Domingo, 21 de Junho, comemorou-se o primeiro aniversário de Sua Santidade Paulo VI, como chefe da Igreja Católica. Como sempre, em actos desta natureza, não deixámos de nos associar. A nossa missa Dominical foi por intenção de Sua Santidade, em que pedimos ao Senhor que agora e sempre o ampare para melhor O servir.

quase cinco mil Famílias, vivam todas as Famílias portuguesas carecidas de alojamento. Ou seja, como concretizou o Presidente do Município, vivam em condições que «facultem tanto a vida material em segurança, salubridade e bem estar como a plena convivência social». Ora neste caso autêntico que aqui se relata, mais não vemos que a separação do homem dentre os homens. E o grave é que assim acontece tantas vezes, sempre que centenas de barracas, ou bairros de lata para lhes aplicar o termo local, são arrazados só para que o progresso passe sem olhar ao homem que ali mora. «Porque afinal é para o homem — o maior bem para o maior número de seres humanos — que qualquer plano deve ser ordenado», como acentuou o mesmo.

PELAS CASAS

DO GAIATO



FRUTA — O eterno problema! Senhor Padre José Maria, apela para que não lhe toquem. Mas não vale de nada. Ainda está verde e já começa a desaparecer. Desta feita foram aos pêssegos carecas!...

Na realidade eles têm aspecto de maduros. Mas não. Estão completamente verdes. Vamos a ver se daqui para o futuro, pêssegos, ameixas e tudo mais, são respeitados.

SAUDAÇÃO — A todos os nossos irmãos que se encontram no Ultramar, quer ao serviço da Pátria, quer ao serviço da Obra, enviamos um abraço cheio de saudades, de toda a família gaiata!

PRAIAS — Estamos no tempo delas. Cá em casa não se fala noutra coisa. Ainda nada sabemos de concreto sobre este assunto. Mas desde já informo os nossos leitores, que a Senhora D. Sofia anda às aranhas por via de arranjar calções para todos!...

VISITANTES — No passado dia 7 de Junho, recebemos a visita do grupo excursionista «Os eternos amigos de Pai Américo», de Viana do Castelo. Mais uma vez vieram prestar sentida homenagem ao nosso querido Pai Américo. Depois de colocarem vários ramos de flores na sua campá, todos os componentes da caravana, que era composta por dezenas de scooters, camionetas e automóveis, seguiram para o Calvário.

Fausto Teixeira

BELEM

Pintainhos com penas — Já cá temos mais duas ninhadas de pintainhos. Uma tem dez e outra tem onze porque o Leão já matou um. A nossa capoeira, por enquanto só tem nove galinhas e um galo mas quando as outras forem maiores irão para lá. Quem trata da galinhas é Marina mas quem as guarda sou eu, a Zanjina, a Laidita e o Pintainho. De vez em quando a nossa Mãe dá-nos um ralhete por deixarmos ir galinhas para os campos que estão semeados. Quando se mata alguma galinha e se mete na panela com arroz sabe muito bem a arrozada.

DILI

Pintainhos sem penas — Vieram para cá 2 meninas e como elas são pequeninas chamamos-lhes Pintainhos. Uma tem 2 anos e outra tem 5 anos. A mais pequenina

Para o Porto — 1 capa e 5 pegas. Golegã — 1 chale. Lisboa — 1 tapete. Viseu pediu — 1 chale. Lisboa — 6 jogos americanos feitos em rafia. Tomar — 1 chale. Para as tecedeiras, por motivo de uma viagem feliz, 20\$: vieram do Porto. De visitas 480\$00, de trabalhos que levaram. Quem deira que venham muitas. 20\$00 para dois novelas. Lisboa — 4 chales. Da fábrica Simões L.da, de Alges — 20 kg de desperdícios de Nylon. Não

ORDINS

haverá quem queira imitar estes Senhores? Há tantas fábricas que nos podiam ajudar, com os seus desperdícios! Pois mi galhas também é pão, e nós aqui aproveitamos tudo. Freamunde — 1 chale. Lisboa — outro. Mira, uma colcha de berço. Querem saber uma coisa!... Fico toda

chamava-se Manuela, mas nós tratamo-la por Nélinha e é a Fatinha que trata dela e a maiorzita chama-se Delmira, mas nós chamamos-lhe Mirita e sou eu que trato dela. São as duas irmãs. A Mirita já vai aprendendo alguma coisa mas a Nélinha como ainda é pequenina não sabe fazer nada. Se nós lhe perguntamos alguma coisa só abana com a cabeça porque é teimozinha e só fala quando quer. Ela come na cozinha, porque não tem uma cadeira alta para chegar à mesa.

Sãozita

Apanha das favas — Nós cá na nossa quinta temos muitas favas. Aqui há tempos fomos todas apanhar favas. Estávamos divididas em dois grupos, umas de cada lado. Chegou lá a nossa Mãe e disse que ia ao robusco, para ver se tinhamos deixado alguma para trás.

Para nós, comer é um regalo, mas trabalhar é que não é connosco.

Nós temos comido favas verdes e secas e todas gostamos muito. São boas cozidas, guizadas e até com arroz, quando ainda estão tenras. Agora já estão criadas como-las na sopa, em puré. Eu gosto muito.

Lindita

A sacha do feijão — Na nossa quinta temos alguns campos semeados de várias espécies de feijão tais como: feijão frade, feijão branco, feijão de estaca e outros.

Até que eles fossem lançados à terra deram muito trabalho. Primeiro a terra foi raspada, depois lavrada e adubada e por fim é que foram lançados à terra. Agora já estão crescidos e é preciso sacá-los e arrancar-lhes as ervas daninhas para eles se desenvolvem mais.

Este ano já fomos nós que os sacámos. É assim que nos fazemos umas mulheres para quando formos grandes sabermos trabalhar no campo.

Fatinha

Os exames — Já estamos perto dos exames. Mas se quisermos ficar bem, temos que estudar muito.

Andam cinco meninas na quarta classe. Se Deus quiser todas faremos exame, menos a Lindita, que este ano não quis estudar, por ser preguiçosa. Até o Pintainho este ano vai à passagem de classe, e só ela é que fica repetente.

Algumas de nós andam ansiosas por saírem da escola para ir para o campo e para ajudarmos a nossa Mãe no que for preciso.

Como os exames já estão perto, peço aos senhores que rezem por nós, para fazermos um bonito exame.

Fernanda

